Liberdade para os antifascistas, presos em Karaganda (Russia)

AÇÃO DIRETA

QUINZENÁRIO ANARQUISTA

Diretor: Prof. SERAFIM PORTO — Administrador: MANOEL PERES

REDAÇÃO: RUA BUENOS AIRES, 147 - A — 2.º ANDAR — SALA 2

ANO II | Rio de Janeiro — Sábado, 17 de Abril de 1948 | Preço: Cr$ 0,50 | N.º 46

A mulher espanhola na luta contra o fascismo

Por FEDERICA MONTSENY

A História de Espanha povoa-se de heróicas sombras femininas; mulheres de têpera, enérgicas e apaixonadas, capazes dos maiores sacrifícios, dispostas ao holocausto por ideais ou por amor, por ardente fé em uma idéia ou por fidelidade inquebrantável, seguindo na ventura ou na adversidade o homem eleito: desde Maria Pacheco, Juana de Torrellas, Maria Malasaña, Mariana Pineda, até chegar às lutadoras gloriosas ou anônimas dos tempos modernos; desde centenas de mulheres castelhanas fusiladas pelo general Zapatero, até a mártir Maria Silva e a estoica Mercedes de la Cruz, passando por Teresa Claramunt, por Ana Villalobos, por Francisca Laperas, pela trágica Rosario Benavent.

Imenso augusto desfile de mulheres nas quais se agiganta e vive, fluindo de geração para geração, a alma indomável e brava de um povo. A Espanha não conhece as suas mulheres, como não conhece os seus tesouros naturais, a riqueza do seu solo e do seu subsolo. Não sabe o que valem os seus rasgos heróicos, o seu fervor tranquílo, a sua inesgotável capacidade de esfôrço e de sacrifício. Da Espanha só se conhecem as suas cantoras e as suas dançarinas, os arpejos de uma Maria Barrientos e a graça de uma Tôrtola Valencia. A Espanha é eternamente a Carmen de Bizet, ou a moura sensual e ardente, tantas vêzes pintada por Romero de Torres. Das suas lutadoras, das suas niilistas, das suas combatentes pela liberdade e pela justiça, das mulheres que viveram e morreram por uma idéia, pouco ou nada sabe o mundo e sabem os mesmos espanhóis.

Quem é Mercedes de la Cruz? — perguntam muitos.

Mercedes de la Cruz é uma jovem mulher, companheira de um dos muitos homens que lutam, na sombra, implacàvelmente, contra o regime ignominioso que oprime a Espanha.

A polícia franquista, procurando-lhe o companheiro, deteve-a, fazendo-a responsável, por tudo encontrado em sua casa. Grávida de seis mêses, haveria comovido, com a juventude e o desamparo, homens outros que não fôssem os esbirros de Franco. Oh! O fascismo perdeu o respeito à mulher e à criança, respeito que era norma de cavalheirismo até mesmo entre policiais. Na Russia morriam as niilistas. Sofia Perowskaia, Vera Zetkine, Maria Spiridinova, iam ao suplício e às neves eternas da Sibéria; porém, por muitas vêzes os bárbaros de outrora se detiveram ante os ventres fecundados onde se gerava o **filho do homem**, sagrado para todo homem... de ventre de mulher nascido... Desde que as crianças e as mulheres foram assassinadas, em massa, nas câmaras de gases, nos trens da morte e sob o terror frio dos incêndios metódicos ao Oradour-sur-Glane; desde que o fascismo fez voltar a alma humana a estados inferiores da consciência; desde que Mussolini, Hitler e Franco desonraram o gênero humano com os seus feitos e as suas existências, não mais se deteve a polícia, ante a mulher grávida, ante o berço do bebê a dormir, ante o túmulo do herói morto.

Mercedes de la Cruz, presa com sua mãe e sua tia, foi bàrbaramente es-

pancada. Torturaram-na durante noites e mais noites, para dizer onde estava o companheiro. Em transes tais! quantos homens fraquejariam! **Ela, não.** De seus lábios, não saíram uma palavra comprometedora, uma direção, um indício que pusesse em perigo, a liberdade de seu esposo ou segurança de um amigo.

Mercedes de la Cruz, há quinze dias obscura e anônima, perdida na imensa cratera de Espanha, é hoje um exemplo augusto, de que nos orgulhamos tôdas as mulheres espanholas, com quem estamos solidários e de quem somos irmãos, todos quantos lutamos por um mundo melhor.

Quantas vêzes, as suas mãos convulsas não terão oprimido o ventre! Quantas vêzes, nas horas de angústia, de espera dolorosa de novas torturas, não haverá pensado nesse ser invisível, vítima já, em suas entranhas, da barbárie de um mundo que seu pai, e quantos com êle lutamos, nos esforçamos por transformar! Quantas vêzes, antes de ser mãe, não haverá meditado na dor de tôdas as mães que viram e ainda vêem sofrerem os filhos, paixão e morte, pela liberdade!

É todavia uma mulher jovem, espiritualmente ainda não formada. Sairá do cárcere endurecida, caldeada na mais terrível bigorna: — a da dor, a da coragem.

Martirizada na carne e nos sentimentos por não querer vender a vida do homem amado nem pôr a perder os seus companheiros, a sua alma modelar-se-á a golpes de machado, com traços de tormentos, com exaltação sombria. Ela incapaz de covardia ou vileza, viu ao contato com a besta humana o homem diminuído, feito animal carniceiro, brutal e sanguinário, o homem privado do sentido da honra moral, da dignidade humana, do respeito à vida, à consciência do dever, ao sentimento do direito, ao instinto da justiça; quando o homem, em uma palavra, não é homem é um monstro, um aborto, um produto do inferno, isto é, um nazi, um arditi guarda pessoal de Mussolini ou um falangista.

Homens e mulheres de consciência livre, de todo o mundo!

De novo Franco e Falange avolumam-se em seus crimes. Caiu outro punhado de lutadores acusados de feitos de que são inocentes com que se tentará justificar penas terríveis, perseguições sem conta.

Entre êles, há três mulheres. E entre estas três mulheres, a mais martirizada, a em maior perigo: Mercedes de la Cruz, convertida em alvo do furor policial.

Agitai, divulgai êstes feitos, fazei-os conhecido de todos os movimentos de vanguarda, de todos os homens de pensamento liberal da América e da Europa!

Que escárneo! Terminada a guerra com o triunfo das chamadas democracias: justiçado Mussolini e desaparecido Hitler, pendurados às forcas de Nuremberg, os corpos de Goering, de Ribbentrop e de seus companheiros de infâmia, Franco não só sobrevive, mas ainda persegue, impunemente, a sangue e a fôgo, os idealistas que lutam contra um regime de terror, fora de tôda lei e de tôda norma de direito, encarcerando e torturando mulheres inocentes.

Protestai! Fazei chegar aos ouvidos dos Atlees, dos Bevins, dos Trumans, de quantos apagaram a Espanha da Europa, outorgando a Franco imunidades negadas aos déspotas indios, com vossa voz iracunda!...

É o mínimo que podemos fazer pelos que, em Espanha, demonotram com os seus exemplos, que ainda existem homens e mulheres dignos, que enaltecem a espécie e que demonstram que a civilização e o progresso não são um mito; que não se submete um povo enquanto nêle haja a vontade indomável que tem sido o lema de todos os homens livres. Espártacus, ao pronunciar as palavras sublimes: "**mais vale morrer de pé**, que viver de joelhos", marcou para a humanidade, o rasgo e o exemplo necessários.

Através da História, através dos séculos, das gerações, dos fatos, das etapas de repressão, das reações e das revoluções, o grito de Espártacus ressoa em todos os ouvidos. Suas palavras vivem gravadas no coração de todos os que hoje, em Espanha, morrem de pé, arrogantes e magníficos.

... Que os que vivem de joelhos ou se arrastam como vermes, dobrem a cerviz envergonhados: a raça dos homens não se extinguiu ainda. **Mercedes de la Cruz, Um filho de homem**, conduz em seu seio!

FIGURAS DO ANARQUISMO

NENO VASCO

Neno Vasco, êsse era o pseudônimo de Gregório Nazianzeno de Vasconcelos, nasceu em Penafiel, Portugal, a 9 de Maio de 1878. Tendo-se formado em Direito, 1901, rejeitou certas facilidades, proporcionadas por parentes, que o queriam magistrado, pois, por essa época já se aninhara em sua alma o nobre e elevado ideal que um dia fará a humanidade livre e feliz.

Depois de algum tempo de permanência no Pôrto, partiu para S. Paulo onde, criança, já estivera em companhia do pai, que ainda ali se achava.

Havendo chegado em 1902, logo travou conhecimento com alguns companheiros italianos, em cujo convívio se inteirou, perfeitamente, do ideal anarquista.

Desde então, dedicou-se, perseverantemente, à propaganda anarquista, entre as massas trabalhadoras. Publicou a revista "Aurora" e os jornais "Terra Livre" e "Amigo do Povo" e escreveu "Pecado de Simônica" e "Greve de Inquilinos", peças teatrais.

Voltando a Portugal em 1911, fixou residência em Lisboa. Afastaram-no de S. Paulo, por um lado, a mágoa em virtude do espírito nativista brasileiro contra o estrangeiro, por outro lado, o desenvolvimento a que atingia o movimento operário em Portugal, após a proclamação da república.

Em 1914, empregava-se como correspondente de línguas estrangeiras, na Companhia Vinícola de Portugal. Por ocasião de uma greve dos empregados de escritório, viu-se o único grevista da Companhia!

É curioso que havendo pedido a sua demissão, um dos diretores relutou em dá-la, embora militar, de idéias conservadoras e por conseguinte inimigo de greves e grevistas, em virtude do apreço que tinha ao caráter e saber de Neno Vasco. Nada conseguindo, conseguiu-lhe, então melhor emprêgo em outra grande emprêsa.

Partindo de S. Paulo, ficou, no entanto, o saudoso companheiro Neno Vasco, no coração e na lembrança daqueles que conviveram com êle, e lá está na Plebe, n.º de Abril de 1934: — "Advogado e cientista, o dr. Nazianzeno de Vasconcelos, o Neno Vasco das suas produções idealistas e de combate, jornalista incansável e prodigioso, deixou entre nós, uma profunda saudade que não se apagará jamais na mente dos que o trataram de perto".

São da sua lavra — "A Concepção Anarquista do Sindicalismo" e "A Porta da Europa".

QUANTO MAIS NEGRA A NOITE, MAIS FULGEM AS ESTRELAS

Por VAGUES

Os democratas, crentes em milagres econômigos, supõem bastar, para conseguir o bem do povo, deitar numa urna um papelito com o nome de um mago político e logo se mete o oráculo a falar. Porém, mau grado a milagreira, os magos e os oráculos, fica de pé a dura verdade: **o povo está escravizado e sufocada sua voz.**

Nossa época vai ficar na história como a de mais baixa moral. Nela encontramos todas as gradações do aviltamento intelectual, começando pela imprensa burguesa, defensora da moral reacionária do Estado, da Igreja e do Capitalismo e, por isso, envenenadora da consciência obreira com mentiras, onde vai distilado o tóxico da paralisia geral.

Êsses mentirosos profissionais sabem muito bem que os eternos crédulos esperam sempre um alguém, com sua tisana de patranhas. Todos, consciente ou inconscientemente, têm por tarefa desviar o proletariado da revolução social e conservá-lo em letargia permanente.

Para isso, todo meio serve, ainda os mais reprováveis: turbação mental a rádio e cinema, ou a jôgo, por exemplo. Parece paradoxo, mas a realidade o comprova: o futebol hoje florescente como nunca, leva a massa à inércia. Sustentado e animado pelos governos, é uma válvula de segurança, desviadora de energias possivelmente revolucionárias. Ele concluiu, no estádio, a ação perversora da imprensa, rádio e cinema. Criam todos uma camada de intoxicados inútil para qualquer ação libertária, niveladora da mentalidade e do ímpeto revolucionário. Matam a consciência de classe. Empresas capitalistas, levam ao domicílio dos trabalhadores o ópio que atordoa sua capacidade de raciocínio. Trabalham com método. Exemplos: **a**) à notícia radiofônica de casos de fome ou morte de milhares de tuberculosos, consequente à fome, segue-se, sem pudor algum, a propaganda de uma marca de presunto suculento; **b**) numa resenha semanal, à destruição de uma cidade inteira por algum cataclismo ou bombas, seguem-se as últimas criações da moda, a alta moda, ou o banquete de um noivado real; **c**) transmite-se, com letras garrafais, o balancete favorável duma fábrica de munição e, na mesma página, vê-se a polícia desfazer, à metralha, um comício de operários dessa mesma fábrica por exigirem aumento de salário.

Se indagarmos de alguém sua opinião sôbre certo assunto social ou de arte, êle nos dará, como opinião sua, o que leu no seu jornal ou lhe impingiu o rádio. Di-lo convencido de ter essa opinião surgido de raciocínio seu.

Essa influência narcotiza a faculdade de pensar criticamente e envilece a situação mental do indivíduo. Forma-se no subconsciente um complexo de inferioridade e a convicção de que seu destino é o de viver na dependência e miséria.

A característica de nossa época é terem a violência e a mendicidade estabelecido títulos sagrados e procurarem o poder armado, a burocracia, as leis e os cárceres perpetuar o estado de incultura que força o povo a viver na miséria.

Miséria na abundância é o estado em que, perante ilimitada quantidade de bens, vivem milhões de seres na extrema penúria. Ante essa multidão despida e faminta destroem-se gêneros de primeira necessidade, queimam-se carneiros, porcos e café para restabelecer preços de usura e solver crises econômicas.

Se êsses meios não bastam, arma-se uma guerra.

Sob pretexto de salvar a civilização cristã (não poderiam inventar outra civilização?) sacrificaram êsses gangsters internacionais, com ajuda e bênção da Igreja católica, hecatombes e, para iludir os sobreviventes, seus escravos, criaram a ONU, órgão paliativo apenas. Atrás da mascarada, observamos o crescimento de nova catástrofe. Verifica-se que o pacifismo da ONU é pura mentira, é uma traição à paz verdadeira, uma sabotagem ao desarmamento geral.

É possível que essa gente proceda de boa fé. São fidelíssimos servidores do capitalismo. Mas, suas biografias estão cheias de sangue e crimes. Trabalham e vivem suas vidas e depois morrem tranquilamente num mundo escravizado, destruido e enganado. Por tudo isso é a ONU mais um número da série inacabável de embustes. A peste não se pode curar com chá de camomila. A paz dos povos exige, antes de tudo a abolição dos governos.

Tão profunda é a decadência moral dos governos que até nações pobres dissipam um décimo de seu orçamento em armas para conservação própria, para defesa interna!

Não querem compreender que a felicidade do povo e sua prosperidade não pode resultar da fôrça, da opressão, do tacão militar. Militarismo e burocracia são duas negações da vida. São os aceleradores da guerra e seus promotores com argumentos infantis. Toda a riqueza criada pelos obreiros escravizados será, junto com êsses mesmos escravos, sacrificada ao deus da guerra. E a cruz da Igreja, com o Cristo pregado nela, acompanha satisfeita esses clamorosos crimes.

E todos os séculos, de um modo ou de outro, tem sido o povo sequestrado da vida plena a custa de logros.

(Conclue na 3.ª pág.)

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

À Raquel de Queirós

Raquel de Queirós, conceituadíssima escritora, uma das muito poucas mulheres, das muitas que poderiam estar empregando o seu saber em favor de uma sociedade mais humana, onde elas não fôssem vítimas de rídiculos preconceitos, a que foram imoladas, há pouco, respondendo a um jovem que desejava saber a verdade sobre Sacco e Vanzetti, conduziu-se como uma lutadora de alevantados ideais, apresentando a verdade em si, a verdade nua e crua: Sacco e Vanzetti não eram dois criminosos; eram dois grandes vultos do Anarquismo, que valentemente se batiam por transformar uma sociedade, em que são apresentados, como criminosos, homens de bem, e exaltados, passando à História, refinados ladrões e criminosos dos mais tarados, que negam o alimento às criancinhas pobres, arrasam o que os homens do trabalho com tanto custo constroem, encarceram e assassinam a idealistas, e estraçalham e esmagam e dilaceram, com a naturalidade de um "cão budista", a milhões e milhões de criaturas humanas. Êsses tarados, difíceis de classificar pelos mais argutos homens de ciência, não vendo a sua ganância satisfeita, não sentindo aplacada a sua sêde de sangue, destruirão o mundo se preciso fôr, morrerão, também, mas darão largas ao seu profundo sadismo!

Sim, Raquel de Queirós, Sacco e Vanzetti foram dois idealistas e tu és idealista, também! Quem sabe que também não virás a ser vítima, por teus ideais, dêsses homens embrutecidos que dirigem Estados, que comandam exércitos, que torturam mulheres tendo na cara estúpida, a frieza imbecil de quem não percebe, de quem não se lembra que foi gerado num ventre da mais sublime das criaturas, aquela que pode ser mãe!...

Não satisfeita, volta ao assunto, para confrimar a verdade, confirmar aquilo que se impõe por si só, e, portanto, não precisaria de confirmação, não fôssem estarem os fátos tão deturpados. Volta por intermédio da Revista, onde escreve, O Cruzeiro, com uma carta de Vanzetti, ao filho de Sacco. A carta escrita nos últimos instantes de vida e após tantos anos de tortura, marca a firmeza daqueles idealistas, que sabiam muito bem, porque lutavam.

Raquel de Queirós, tu que escreveste com a pena que naturalmente tomaste das mãos daquela outra mulher, que a empunhou no propósito de redimir uma raça escravizada, pega, outra vez, dela, e não pares de escrever, até que o mundo todo fique a saber, que Franco pelos seus esbirros, volta a torturar outras criaturas como tu, simbolizadas, no momento, na figura de Mercedes de la Cruz, vítima altiva da sanha e do deboche policial.

"PORTUGUAIS"

1 — Rue Pavillon, n.º 12, M.L.E.
2 — Via Cesarea n.º 14, Wanda Lizzari.
3 — .....
4 — Rue Bouviers n.º 3, M.L.E.
5 — Rue Maubeo n.º 12, M.L.E.
6 — Place St. Mare n.º 5, M.L.E.
7 — Avenue Cardinal Mercier n.º 48, Mr. Souza.
8 — .....
9 — Rue Saint Vincent de Paul n.º 21, A. Sanchez.
10 — Talleres Baudin dans le Port de Peche, Joaquin Perez.
11 — Broadway n.º 813, Centro Social de C.P.
12 — Rue Manuel Doblado n.º 172, D.P. 7, Jaime Arago.
13 — Rue Inválidos n.º 129, Manuel Perez.
14 — Rue Yaguaron n.º 1459, Casa de los libs.
15 — Rue Venezuela n.º 1707, Rodolfo Acebal.

PAZ E NÃO GUERRA!

Ainda não foram retirados ao solo, os restos a que reduziram uma juventude no vigor dos anos, arrancada ao trabalho ou ao estudo para o horror da guerra; ainda persistem as manias, os sobressaltos e outras manifestações mórbidas psíquicas adquiridos no horror da guerra; ainda sangram as chagas dos feridos, ainda não cicatrizaram bem ou de todo as deformações dos mutilados, ainda se sente, em tudo, a confusão, a miséria, a tristeza profunda, deixados pelo horror da guerra, e já impudentemente, os chefes de todos os Estados, a imprensa de todos os Estados, não fazem outra cousa, senão ir inoculando o vírus do patriotismo, na multidão de cobaias, que irá ser sacrificada, no horror de nova guerra!

E por que e para que?

Porque o capitalismo burguês teme a concorrência do capitalismo de Estado.

Para que um destrua o outro, afim de negociar livre de concorrentes!

Mas em tudo isso, o que lucra o povo que trabalha?

Morrer estùpidamente, aumentar, em seu seio, o número de degenerados, ver a sua juventude, mutilada até a velhice e continuar a viver na miséria.

Que as mães, as esposas, as noivas, as irmãs e as filhas não se deixem levar pelos prègadores da guerra, chamem-na até "guerra santa", e reajam junto aos filhos, esposos, noivos, irmãos e pais, contra êsse crime monstruoso que só beneficia aquêles que vivem da exploração do povo que produz, aquêles que o oprimem, (aquêles que o humilham.

Que se neguem os jovens a partir para a guerra, que se neguem todos a trabalhar para a guerra.

Que os chefes de Estados, os ministros e os generais, almirantes ou brigadeiros, se acham que é necessária a guerra, que imitem, no rasgo, os Curiaços e os Horácios, que briguem êles se quiserem!

A juventude, essa não deve deixar os locais de trabalho ou as escolas, para ir morrer, estultamente, sem que disso possa haver proveito algum.

É preciso que comecemos forte campanha contra a guerra! Tomemos, por assunto predileto, o combate à guerra!

Combatamo-la em nossas conversas, nos cafés, restaurantes, trens, bondes, ônibus, onde quer que estejamos.

Mostremos que a guerra é um mal e que era a principal característica dos povos bárbaros.

Não acreditemos que a guerra gere o progresso, que grandes inventos e descobertas têm surgido com a guerra. É mentira! Grandes inventos e grandes descobertas que não são postos a serviço de quem trabalha, isto sim, são empregados para a destruição.

É o exemplo do avião, é o exemplo da energia atômica.

A humanidade precisa de paz! Não é preparando a guerra que a teremos; não é guerreando que a preparamos!

Sem a guerra, teremos a paz; portanto, não queremos a guerra, queremos a paz.

Por grandes que sejam os males apresentados, como pretexto para a guerra, a guerra é sempre um mal bem maior!

A PROPRIEDADE

Por NENO VASCO

Um operário habita uma casa que foi construída por outros operários; é o morador que a lava, limpa, conserva, embeleza, ao mesmo tempo que tira dela utilidade; se é necessário um consêrto, são ainda trabalhadores que acodem.

No fim do mês, porém, um intruso, que não se serve da casa nem trabalhou nela, que nunca fêz outro serviço senão o de VER AS OBRAS, chega, recebe o aluguel e passa o recibo. É a sua única função.

Mas que direito tem êste homem não só de mandar fazer a casa que não utilizará, mas ainda de receber o imposto que lhe paga o locatário?

É bastante singular o direito dêste "proprietário". Muitas vêzes não fêz senão HERDÁ-LO, isto é, recebê-lo dum morto!

Um seu antepassado qualquer juntara, mal ou bem, honestamente ou não, um tesouro, um capital, mas por êsse fato pode viver sem trabalhar o resto de seus dias e até deixar essa faculdade a seus descendentes! Porque numa família um só homem trabalhou, gerações e gerações vivem parasitariamente do trabalho alheio!

Mais ainda: os que nascem ricos têm sòmente direito de viver à custa dos outros; a exploração vai mais longe. O proprietário, senhor dos meios de produção, diz ao proletário, ao pobre: "Em troca do teu trabalho, dar-te-ei apenas uma parte do valor do produto; se não aceitas, morres de fome, porque só tens os teus braços".

E como as possibilidades de comprar são assim reduzidas para o pobre, êste não consome o suficiente e assim a produção pára, já não dando ganho ao proprietário, que só faz produzir para vender. A produção é estorvada.

É êste terrível direito de viver à custa alheia sem trabalhar e de impedir a produção, isto é, de esfomear os outros, que é transmitindo de geração em geração e que, em vez de se atenuar, se agrava, pois que a herança aumenta, sem que os herdeiros façam mais do que receber os aluguéis, os dividendos, os juros, os rendimentos!

Suponhamos que o senhorio não herdou, mas GANHOU os seus bens com o suor de seu rosto. Não devem ser grandes, esses bens: nós vemos tanta gente que trabalha e poupa tôda vida e não tem vintem... É possível explicar pelo trabalho pessoal as fabulosas riquesas dos arqui-milionários norte-americanos?... Serão os ricos extraordinàriamente mais ativos e inteligentes que os pobres?

Mas, mesmo grandes, êsses bens acabar-se-iam, deixando o seu possuidor de trabalhar. Ora, como é que êles, pelo contrário, se conservam e aumentam? Por ventura o dinheiro da filhos? Além de senhorio, o proprietário é patrão, é industrial. De pé à porta da sua oficina, diz ao operário, que péde licença para ser explorado nessa penitenciária: "Vendo-te caro o direito de rebentar de fadiga em minha casa; pagar-me-ás com a maior parte do que produzires".

O proprietário é também agricultor. Nunca semeou um grão de trigo ou de café, uma batata ou um feijão, ou antes, não precisa de o fazer para guardar em seus navios e depósitos todos os produtos da terra. Possui ainda as minas, as máquinas, as ferrovias, etc.

Muitas vêzes distrai-se e deixa escapar: "Os meus capitais trabalham". Mais, como os papéis, que representam êsses capitais, apenas serviriam, quando muito para acender cigarros, mais justo seria que dissesse "os meus escravos trabalham". Porque os capitais não frutificam sòzinhos. E para conquistar o direito de dizer aos outros: "trabalhai para mim" e de ver a ordem cumprida, trata cada um de saltar por cima dos outros, sem se importar com os esmagados. O egoísmo toma formas brutais, que, afinal não realizam o fim buscado: esta luta feroz entre os homens não é útil ao egoísmo do indivíduo e da espécie. Aquêle fica ferido, embora vencedor, este degenera. Os homens não são muito conscientes ainda da solidariedade, que tem feito progredir a humanidade. Onde, afinal, é a cooperação de fôrças que triunfa, a concorrência, a mentalidade que dela resulta faz ver a utilidade da luta.

O estado de espírito proveniente da concorrência tem duas faces: o desejo de trepar, o arrivismo e o servilismo. O homem faz-se servil e baixo com os que têm poder, dado sôbre tudo pela riqueza, e orgulhoso e prepotente com o que está abaixo dêle na escala social.

O fraco não tem meios de defesa; e fraco é o que, por circunstâncias fortuidas de nascimentos ou por incertezas da luta, que não garante a vitória ao mais forte fisica e intelectualmente, está privado dos meios econômico-políticos de ser independente ou de dominar.

Mas, se o FRACO ataca o FORTE, todos os meios de repressão e tôda a moral da sociedade se põem em ação. Um operário não acha trabalho; rouba; logo a noção do roubo, que se perdera por entre as operações dúbias dos banqueiros e comerciantes entre a exploração capitalista, entre o banditismo social legalmente organizado, resurge implacável e o gladio da justiça fére.

Cumpre à consciência nova organizar uma sociedade em que não haja lucro nem herança, em que os trabalhadores não deixem os meios e a melhor parte da sua produção nas mãos dos capitalistas, em que os meios de produzir, de ser livre, pertençam a todos, em que todos cooperem no bem-estar de todos.

AÇÃO DIRETA

BALANCETE DE NOVEMBRO DE 1947 A MARÇO DE 1948

Receita — Rio de Janeiro —

Oiticica, 2.500: Filho, 200: Huche, 400: Trigo, 400: Ney, 700: Consuelo, 300: Sá, 280: Germinal, 300: Taboada, 200: Juventudes, 130: J.P.G., 260: Correia A., 250: Esteves, 100: F. Silva, 150: Aparicio, 150: Samuel, 100: Costa, 300: Cascardo, 150: Armando, 100: R.R., 150: Albino, 60: Afonso, 40: Remigio, 20: A.S.R., 60: Broodman, 80: Correia, 40: Ruth, 30: Lamaura, 10: Vicente, 10: Antonio, 10.

Campinas — São Paulo —

A.P., 300: M.L., 200: Trez amigos, 30.

P. Bernardes — São Paulo —

Z.O., 215.

Rio Grande do Sul —

J. Martins, 150: Avulsos, 20.

Total da receita, 8.395,00 — Saldo de Novembro, 1.124,10 — Líquido, 9.519,10.

———:o:———

Despesa —

Impressão e papel dos números 43, 44 e 45 — 6.900,00; Clichés, gratificações e gastos de tipografia — 320,00; Expedição para o exterior e Estados do Brasil, correspondência aérea, fretes dos jornais chegados de São Paulo, papel, goma, barbante etc. — 493,00; Total — 7.713,00.

Saldo para Abril — 1.806,10.

———:o:———

Notas administrativas —

J. Vergara — Recebemos tua carta e providenciaremos sôbre a tua indicação.

Pessagno - Campinas — Seguem os livros pedidos e o que faltava da remessa anterior.

R. Fernandez - Rio Grande do Sul — Recebemos tua carta e enviamos por correio registrado os jornais pedidos.

P. Bischoff - Rio Grande do Sul — Respondemos à tua carta, reclama no banco o dinheiro enviado que não foi entregue aqui.

———:o:———

Nota —

Ao publicar este balancete ainda não foi pago o número 46 cuja despesa oscila mais ou menos em Cr$ 2.600,00, faltando por conseguinte uns 800,00.

A Administração

O EMBAIXADOR CHINÊS E OS JORNALISTAS

Falando aos jornalistas, em companhia do sr. Osvaldo Aranha, dócil instrumento nas mãos dos magnatas norteamericanos e o seria de quaisquer outros magnatas, mais poderosos, o Embaixador Chinês disse: — "A paz, a larga paz, está nas mãos dos que escrevem nos jornais". E disse uma verdade. Se os homens da Imprensa tivessem outra mentalidade e mais coragem, estariam de fato a serviço da cultura e do progresso, da verdade enfim, ao invés de viverem a iludir a boa fé daqueles que nêles acreditam. Servindo aos inimigos de todos os que trabalham, traem a si mesmos, a troco de um salário sempre miserável, que cabe, perfeitamente, na sacola do suposto Judas.

Para simbolizar a mentalidade do jornalista, imaginou-se ou se fixou a história atribuida, por muitos, a Alcino Guanabara:

— Escreva-me para Sexta-feira Santa, um artigo sôbre Cristo! gritou o secretário do jornal.

— A favor ou contra? berrou, já a sair, o jornalista.

E assim com essa mentalidade, vão-se tornando tão perversos, tão nocivos quanto os padres e os maus ou tímidos professores, quase sempre inconscientemente, porque vão como êstes empanturando o espírito das crianças e dos jovens com um acervo enorme de mentiras, ou depositando-lhes no subconsciente sedimentos que farão degenerados ou criminosos.

Qualquer cientista desassombrado e apaixonadamente amigo da meninice e da juventude, apresentaria ante um tribunal que supusesse honrado, queixa crime contra certos rabiscadores de historietas fantásticas, que fàcilmente levam a criança e o jovem a prática do crime ou fazem dêles, homens aterrados, homens tímidos, homens sem iniciativa.

Vários têm sido os meninos, que presos, revelam, pelos seus gestos e por sua linguagem, a influência dos Gibis e de outros excrementos literários do tipo!

O Tico-Tico, revista infantil interessante, se bem que ainda deixe um pouco a desejar, mas que se não pode comparar, em absoluto, com aquelas páginas de abastardamento e de crimes, o Tico-Tico tem sido pôsto de lado, até mesmo por indivíduos que se jactam de inteligentes e cultos, mas que revelam bem a sua inteligência e cultura assim e assado.

Sempre que há um grande crime, a Imprensa fica em festa! Descem a pormenores, inventam se não sabem, dizem e desdizem, fazem romance!

E o resultado?! Outros crimes surgem aos borbotões!

E em todos êles, qual o maior cúmplice?

A Imprensa! A Imprensa desviada das suas nobres e elevadas finalidades!

E assim nisso como em tudo.

Jornalistas, ponde a vossa pena a serviço da humanidade e fazei digna a vossa profissão!

A paz, a larga paz, e a felicidade da sociedade futura, está em parte, em boa parte, nas mãos dos que escrevem nos jornais!

POR NOSSAS MÃOS

Por FERREIRA DA SILVA

Era num bonde de segunda classe, a caminho de Ipanema. Manhã chuvosa, dessas que se prestam a um ambiente de desanimo e lamentações, quando o trabalhador das pedreiras ou dos caboucos vê ameaçado o seu pão do dia. Era num bonde de segunda classe, com alguns operários pessimistas fazendo comentários ao pé do motorneiro...

Criticavam o prefeito e as medidas recem-anunciadas com publicidade de grande estilo nas colunas dos jornais. Um monumento ao santo padroeiro, em meio de uma praça que passaria a servir para missas campais; a mudança de uma estátua e de um chafariz para lugares diferentes. E outras coisas assim.

A amargura de um veio à tona por entre essas críticas, feitas muito tìmidamente, não fosse ouví-las mais alguém...

Dizia:

— Estátuas e chafarizes... Só isso. Casas para os operários ele não faz!

Então o motorneiro deixou escapar a ironia que ninguém adivinha, e que tantas vezes existe nas sentenças da gente humilde:

— Casas?... Temos a noite, e havendo bancos nos jardins, já se dorme.

Tomem nota os filósofos desta figura poética, ao mesmo tempo acusadora, condenatória e grandiosa: temos a noite para dormir... O motorneiro do bonde de segunda classe tem joias desse quilate, que se perdem nas conversas de manhã chuvosa com os passageiros melancólicos da linha de Ipanema.

E agora vejamos a sem-razão da queixa contra o prefeito que não faz casas para os trabalhadores. Estes não sabem então, nem mesmo à custa de uma cruel experiência de tantos anos de sindicalização tutelada, que dos seus amos nada podem esperar em benefício da vida que levam, miserável e sem nesgas de liberdade no horizonte? Ainda se fiam nos acôrdos para aumento de salários, ainda pedem licença para apresentar solicitações e tabelas, ainda ficam quietos, de mãos postas, esperando de um messianismo impossível a melhoria de sua situação!

Casas para morar! E por que não as fazem os próprios operários? Que lhes falta para isso? Acaso não são eles os donos de suas mãos, de seus braços, de suas energias? Não sabem eles porventura fazer casas para se abrigarem, eles que fazem palácios para os deuses da moeda?

Isso consegue-se à custa de um caminhar constante para melhor situação econômica, faz-se com altivez e com independência, faz-se com os movimentos conscientes da massa proletária em defesa do seu direito, que é afinal o direito de viver. Não de se arrastar mendigando. De viver!

É espantoso que ainda possa reinar entre os homens aquele espírito de servidão dos tempos feudais, em que o mancebo, se queria casar com uma rapariga do seu agrado, tinha de pedir licença ao seu senhor! Agora os jovens não pedem licença nem aos pais, se isso lhes dá na cabeça. Usam a ação direta.

Isso mesmo, a ação direta. Que os trabalhadores reparem bem. Com a ação direta podem ter as casas que até hoje os messias das fundações teimam em não lhes querer dar. Um dia, milhares de habitantes da Suecia resolveram acabar com os senhorios. Organizaram as cooperativas de inquilinos, construiram as suas casas e deixaram os prefeitos à vontade para cuidar de estátuas e chafarizes, que também os deve haver na Suecia.

Um movimento cooperativista dessa envergadura tem de apoiar-se, porém, numa população sindical consciente, altiva, e sobretudo independente. Uma população sindical que compreenda a ação direta, e que não esqueça o lema, expressivo entre tantos, lançado ao mundo obreiro pelos primeiros cantores da Internacional: Façamos nós, por nossas mãos, tudo que a nós nos diz respeito.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

A. I. T.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES

O anarquismo através do mundo

CARTA DA FRANÇA

"Quanto à França, tanto mais estranha e longinqua a sinto, quanto mais a conheço. É um país que só à distância se ama, conhecendo-se por sua cultura e tradições; porém, perto... Nunca vi tão grande distanciamento entre um povo e seus intelectuais, diferença tão profunda entre a **élite** e a massa. Por certo, às vezes penso que êste povo, agora amorfo e desprovido de personalidade, necessita quiçá de uma comoção, um choque rijo para reiniciar a marcha para a frente.

Se houvesse tido educação revolucionária, quantas coisas poderia ter feito êste povo! que magnífica oportunidade houve para fazer uma revolução, a Revolução. Enfim, temos de esperar que finde o letargo e, como sempre, o povo é o mesmo. A Espanha poderia dar o exemplo que sacudisse o mundo... Por isso, o mundo a teme e sufoca.

Como estamos sós, amigo! "Sós com dignidade!" segundo uma frase tua, tão curta e exáta.

Os comunistas espanhóis estão tinindo com a campanha iniciada por **Solidariedad Obrera,** a propósito do campo de concentração de Karaganda. Pôs-se-lhes o dedo na chaga e naturalmente sentiram-se tocados.

Toda a imprensa decente, tanto a espanhola exilada como a francesa se fez eco do novo crime bolchevista e os **manos,** não encontrando argumentos nem razões para defender-se, respondem com sua conhecida técnica: insultos e injúrias. Essa gente, além dos seus defeitos, tem uma pobreza mental que assombra: senhas, slogans, frases feitas, citações do dogmas, mas nem uma idéia profunda, nem uma palavra que revele personalidade ou talento. Êstes sim, perderam tudo, até a honra.

Também vejo pelas cartas que recebo de minha mãe, sua profunda desilusão da democracia. Não quero dizer que se sinta revolucionária; porém, ao menos, como você bem diz, nos compreende e entende nossa luta. E isso é mais que algo; isso revela um fenômeno geral de asco e repugnância à mentira estatal. Cumpre aproveitar isso, que está em germen, que está brotando e pode malograr-se caso nos descuidemos. A tarefa é urgente".

"Á CONFEDERAÇÃO DO TRABALHO, ESPANHA —

Confirmamos a carta que dirigimos a essa organização por intermédio das Juventudes Libertárias Portuguêsas, e a qual ainda não obtivemos resposta. à qual ainda não obtivemos resposta. Informamos que em Portugal, a C. G.T. e as Juventudes Libertárias mantêm boas relações de amizade, porém, são organismos separados e independentes. O militante da nossa C.G.T. que se entendeu ùltimamente em Badajoz com um delegado de Madrid, do vosso Comitê Nacional, deu-nos notícias da vossa situação, a que demos a melhor atenção.

Respeito à nossa situação ante os partidos políticos governamentais, estamos dispostos a colaborar com êles na rua, na luta armada contra o fascismo, todavia sem qualquer compromisso ideológico da nossa parte. Não participamos dos Comitês de Unidade e das Frentes criados pelos ditos partidos; nomeamos apenas um delegado para estar em contato com um delegado dêles, afim de que nos informe, no devido tempo, do dia e lugar da luta revolucionária, para autônomamente tomar parte dela. Em caso de vitória continuaremos com a nossa ação direta absolutamente independente das atividades governamentais ou de qualquer outro tipo de atividades autoritárias (municipalista, parlamentarista, etc.).

Se a vossa organização tiver necessidade de nomear um componente para estar em Lisboa, ou achar isso conveniente, com o fim de tratar dos vossos assuntos particulares, muito prazer teremos de dar-lhe as indicações necessárias para o desempenho da missão aqui.

Estamos prontos a colaborar com a C.N.T. de Espanha, e a apoiar o seu representante aqui, de acôrdo com as táticas acima mencionadas, e segundo as nossas possibilidades, que atualmente são fracas. Há poucos militantes nossos em atividade e a falta de recursos não nos permite deslocar de Lisboa. Mas, não obstante, podeis contar com a nossa boa vontade para ajudar-vos, a derribar o fascismo ibérico.

Somos também filiados à A.I.T., à qual demos cópia desta carta.

Esperando gratas notícias, enviamo-vos saüdações libertárias.

Comitê Confederal da C.G.T.".

"AO SUBSECRETARIADO DA A.I.T. NA EUROPA OCIDENTAL:

Nossas Relações com Espanha — Em diferentes ocasiões nos temos pôsto em relação com os companheiros que por aqui passam para o estrangeiro, e um companheiro da nossa organização que se internou em Espanha por assuntos particulares, servindo-se dessas relações, pôde pôr-se em contáto com a Regional Extremenha da C.N.T. do Interior. Todavia, apesar de seus esforços para encontrar companheiros conscientemente libertários, não deu mais que com **colaboracionistas.** Eis a razão por que em nossa carta, da qual enviamos cópia, fixamos nossa posição ideológica, manifestando que estamos dispostos a colaborar na luta armada contra o fascismo, conservando, porém, a nossa autonomia, sem pertencer aos Comitês políticos de Unidade ou Frentes Populares e, uma vez derribado o fascismo, continuaremos o nosso trabalho independente não participando da administração do Estado, seja qual fôr a sua designação. Como não recebemos ainda resposta a dita carta, cremos não haver sido ela do seu agrado. Assim desejaríamos pôr-nos em contáto com os companheiros eminentemente libertários, anticolaboracionistas, porém faltam-nos direções.

Aproveitamos o ensejo para manifestar o nosso ponto de vista de que não devemos aceitar colaboracionistas para cargos de responsabilidade.

Admitindo que sejam sinceros, devem por isso mesmo, compreender ser conveniente limitar as suas atividades a trabalhos anônimos e não apresentar-se em reüniões públicas, nem pronunciar discursos, por não desacreditar o movimento.

Eseperando notícias, recebei caros companheiros, saüdações libertárias.

Comitê Confederal da C.G.T.".

29-1-1948

Podeis estar seguros de que levamos em consideração as manifestações dos companheiros da C.G.T. e que faremos tudo quanto ao nosso alcance, para favorecer o estabelecimento e desenvolvimento das relações proveitosas entre os anarco-sindicalistas de Ibéria.

Sempre vossos e da Causa,

Comissão Intercontinental

OUTROS PAÍSES

Espanha e Iugoslavia — Declarações de Franco e Tito, que coincidem: "Milhares de bandidos combatem o govêrno nas montanhas, porém exterminaremos a êsses agentes estrangeiros que perturbam o progresso da nação".

Grécia — Três trabalhadores gregos que trabalhavam na construção de uma ponte, foram degolados pelos guerrilheiros comunistas, com o pretexto de que a ponte serviria para os militares americanos.

Alemanha — Os inglêses descobriram o "protocolo M", um plano dos comunistas para sabotar o Plano Marshall e paralizar a distribuïção de alimentos aos alemães. Êste protocolo destinado a combater os aliados, prejudica os companheiros anarquistas do Ruhr que desenvolvem grandes movimentos de greves, sem aspirações políticas.

QUANTO MAIS NEGRA A NOITE, MAIS FULGEM AS ESTRÊLAS

(Conclusão da 1.ª pág.)

Os parasitas em que o povo tem confiado, ludibrïam-no nessa participação **à vida.**

Agora vieram as **quatro liberdades** com que jornais, oradores ministeriais e rádio engazupam demagògicamente a consciência do povo. É a era da meia noite, pois o indivíduo oscila constantemente entre morrer de fome ou morrer como herói numa carnificina prò riqueza alheia. Era em que prima, na vida, o capital, não o trabalho e só três possibilidades há: trabalhar, mendigar, roubar. Era da bomba atômica, não do pão; dos generais, não dos professores.

Os forjadores das algemas são aqueles mesmos integrantes nobres, fartos em banquetes por nós pagos, que prometem, arrotando, cousas e cousas, sem nenhuma intenção de as cumprir.

Porém... quanto mais escura a noite, mais mais fulgem as estrelas!

Chegará, um dia, a hora em que o proletariado irá despertando da letargia e duvidando da honestidade de seus líderes e governos. Irá percebendo a urgência de demolir o hediondo edifício do Estado para, sôbre êle, construir o palácio da liberdade, igualdade e fraternidade.

Então, ninguém crerá nos oráculos das urnas, nos milagres dos mágicos, nem no feiticismo outrora venerado, mas que lhe forjou gorjais.

Então, os escravos conscientes, nascidos no fundo da noite, esperão nos seus antros de miséria, ansiosamente, a mãe libertadora, a revolução social.

Os opressores e aproveitadores não aprovarão de certo êsse processo; mas, na Revolução, não se tratará de consultar governos nem a urubuzada clerical. Trata-se de libertar a humanidade dêsses **monstros de lama e fogo.**

As greves monstras desta era são prenúncios da aurora próxima. Já se ouvem as canções libertárias e a voz da liberdade clama: "Eu vos concito a vós todos que nascestes na noite do horror e da fome. Sacudi vosso jugo e segui-me! Segui-me e sereis livres!"

Que é uma Ofensiva?

As linhas que se seguem são da lavra de Antônio Tôrres que faleceu Cônsul brasileiro, em Hamburgo. Os homens de cultura, como êle, quando queiram corajosa e honestamente manifestar-se, confirmam os princípios anárquicos, sem mesmo darem pela cousa!

Chama-se ofensiva ao ato pelo qual um exército se atira contra outro. Exército é uma multidão de homens que, esquecidos de que são homens, obedecem a toques de cornetas, a rufos de tambores e a ordens de outros homens, também por igual esquecidos da sua hominidade. Entre um exército e um rebanho a diferença é nominal; porquanto, si os rebanhos não raciocinam, muito menos os exércitos; no dia em que os rebanhos raciocinarem, deixarão de ser rebanhos; no dia em que cada homem se convencer de que outro homem não tem o direito de perturbar-lhe a doçura da vida, para transformá-lo em máquina de matar e de morrer, esse outro homem, por sua vez, não terá coragem para lhe propor que deixe a fábrica, a família, o gado, ou a charrúa, a fim de ir matar a outros homens que, como ele, também possuem teares, filhos, gado e charrúas. D'onde se conclue que os exércitos são produto da inconsciência humana explorada pelo Capital. Exército e Capital, que são hoje aliados, serão algum dia inimigos como o cão e o gato. Por que? Porque a primeira vítima do Capital é o próprio Exército. Os soldados morrem para que? Para sustentar os capitalistas que se escondem sob a abstração — PATRIA. Quanto ganha um general? Dois contos por mês. Quanto ganha um capitalista? Centenas de contos por mês. Quando morre um soldado raso, com quanto fica ao mês a sua viuva, caso o Estado a sustente? Com algumas dezenas de mil réis. E a viuva do capitalista? Com algumas centenas de contos.

Mas como se faz uma ofensiva? Assim; reunem-se muitos mil homens; outros homens, que saibam falar, arengam diante dêles, invocando a Pátria, o Direito, a Civilisação e a Humanidade. Depois de embriagá-los com palavras, esses oradores, que geralmente são comandantes, fazem soar as trombetas. A trombeta é um instrumento diabólico que, soprado com arte e calor, atúa sôbre o sistema nervoso dos indivíduos, tirando-lhes a capacidade de pensar e sentir outra coisa sinão barbarias góticas. Os comandantes dão ordem de avançar, e os homens avançam; os próprios cavalos, excitados pelos tangeres belicosos, avançam heròicamente; os homens dão tiros de canhões, metralhadoras e carabinas sôbre outros homens, que também ouviram discursos, inebriaram-se com o clangor das trombetas e dão tiros de canhões, metralhadoras e carabinas. Privados de sentidos e de inteligência, intoxicados pela eloquência dos generais e pelo som das tubas canoras, combatem; grande parte, num e noutro campo, morre; milhares de outros, que escapam, ficam estropiados, cegos, surdos, inutilisados, mas contentes, porque recebem uma tirinha de pano e uma cruzeta de qualquer metal, que nem ao menos é de ouro. No fim de tudo, uns consideram-se vencedores; os outros, vencidos, mas não convencidos da derrota, preparam novo ataque, que se chama contra-ofensiva; mas ofensiva, defensiva e contra-ofensiva vem dar no mesmo: é meio de perder a vida em benefício dos fornecedores dos exércitos, quer de um quer de outro campo. De maneira que ofensiva quer dizer: morte injusta; e a principal arma ofensiva é a palavra humana; tanto assim que Ajax, filho de Oileu, dizia: "Antigamente eu supunha que a primeira arma éra a ação; agora vejo que a primeira arma é a palavra". Quanto ao fim da ofensiva, é defender a PATRIA. isto é, a riqueza dos ricos e a liberdade dos povos, por hipótese...

ANTONIO TORRES

Extraído do livro "Verdades Indiscretas" de Antonio Torres, página 304 — Ano 1921.

À MULHER OPERÁRIA

Definhas, carne em flor, nessa estufa doentia
Onde impera o trabalho e reina a tirania,
Onde a fome, roaz, brama de sol a sol.
Brotaste na miséria e estás predestinada
A sofrer, trabalhar e morrer estiolada,
Sem que brilhe em teu seio a luz de um arrebol.

Nesse inferno a que fôste atirada — a oficina,
A burguesia vil corrutora, assassina,
Com sólidos grilhões te enleou e te prendeu.
E o infame capital o teu suor devora,
Como a água da Legenda do bravo prometeu.

Para o mundo atual, tu és, ùnicamente,
A fonte do dinheiro, a máquina inconsciente,
O ventre fértil que produz, a preço vil,
A carne do prazer para os grandes da terra,
A carne do canhão para dar pasto à guerra
E a carne que o industrial devora em seu covil!

Ó mulher infeliz, luta, trabalha, morre!
Mas o sangue, o suor que da fronte te escorre
Vai formando êsse mar de fúria e indignação
Que há-de, enfim, subverter o negro despotismo
E de onde há-de emergir, após o cataclismo,
Um mundo mais humano e sem falta de pão.

RAIMUNDO REIS

Da desordem ao desespero

Por NEIVA SOBRINHO

Leitor!

Meditemos juntos. Esqueçamos, por um momento, o que temos de fazer amanhã ou daqui a pouco.

Recordemos nossas experiências diárias, e analisemos a "ordem" que a organização social vigente nos assegura.

Comecemos pela infância, pelos primeiros contatos do nosso espírito com o meio. Nessa fase, ensinam-nos antes de tudo a obediência. — Obedecer aos mais velhos; obedecer a isso e obedecer àquilo. O problema fundamental é a obediência, é a subordinação, é o enforcamento da vontade; donde resulta o mêdo, o calabouço do pensamento e o gérmen da subserviência.

Vem depois o catecismo desta ou daquela religião, onde ainda temos de obedecer a êste e àquele mandamento, amando a Deus sôbre tôdas as cousos". E ai nos impingem a idéia fantástica de que há um ente criador do céu e da terra, a quem devemos obedecer (sem nunca o termos visto, sem dêle termos idéia). Passamos a acreditar nessa lenda, e o nosso espírito se vicia a relacionar todos os fatos da vida com o sobrenatural. E nos ensinam ainda que isso é pecado e aquilo é blasfêmia e que o criador castiga os pecadores e os blasfemadores. Mas, com todos êsses mandamentos, vemos o irmão mais velho, o vizinho, o tio, o pai e a mãe pecarem e blasfemarem, e são êles que nos ensinam o catecismo, êles a quem devemos obedecer e respeitar!

Depois, vamos para o colégio ou para o trabalho certos (ou suspeitando) de que existe uma mentira convencional. Entramos em contato com a sociedade e vemos os homens lutando contra os homens, irmão com irmão se digladiando, pais e filhos em concorrência uns contra os outros. E entrevemos no formigamento das intrigas a falsidade de tudo que aprendemos. — Assistimos à procissão dos crimes, dos roubos e adultérios; ouvimos o zunzum eucarístico da cavação; e sentimos o mal cheiro da miséria.

Amadurecemos o espírito e somos escravos de um patrão ou aluno de faculdade. É quando vemos a vergonha do ensino, a covardia dos homens, a incompetência dos que ditam leis e desespêro dos que trabalham de sol a sol.

Estamos amadurecidos, e sentimos a desigualdade social que nos legou essa educação de preconceitos e injustiças desde a infância.

Daí vem a "ordem", "a disciplina", o "respeito" e a "honestidade" dêste grupo de homens que se dizem irmãos e se escravizam entre si.

Daí resulta o tabu da lei, "freio dos maus instintos", "pauta da justiça", o que é o mais flagrante dos paradoxos desta sociedade mistificadora, onde desde a infância a escola é o farrancho da hipocrisia.

Daí merece a alma cafajestal dos parasitas, que,cônscios da charlantice do direito e dos princípios autoritários, procuram tirar o maior proveito dos que trabalham de sol a sol para confôrto e gala dessa corja beata e púlha de deputados, senadores, generais e presidente que extorque, intriga e esbulha.

Daí vem a guerra, a chacina humana e os martirológios. Dessa "ordem", dessa "lei", vem a miséria, a fome e o desespêro. E os parasitas empoleirados apertam as cravelhas, fortalecendo o Estado, êste poleiro amplo onde se acomodam os espertos, os extorquidores da maioria.

Eis a "ordem"! Eis o fundamento da obediência, o espírito da lei, o princípio da autoridade.

Meditemos agora no que nos ensina a experiência de muitos anos e vejamos se apenas no anarquismo não existe a **ordem,** se apenas no anarquismo não encontramos a solução dos problemas sociais, se apenas caminhando para o anarquismo não nos sentimos cada vez mais longe do desespêro a que nos leva a infelicidade geral dos que nos rodeiam indo e vindo para o trabalho, para o sacrifício, para o martírio diário em que nos vemos todos explorados, de acôrdo com a lei, de acôrdo com a vontade dos que nos mandam.

Meditemos, e concluiremos que sòmente no anarquismo haverá ordem e felicidade geral. Apressemos o desmoronamento do Estado e teremos a sociedade futura.

? !

Que achas companheiro sôbre a realização de um congresso anarquista do Brasil. Escreve-nos, enviando sugestões!

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

BEOCIOS OU MAL-INTENCIONADOS?

Por QUETZAL

No campo das idéias aparecem de quando em quando indivíduos que se dizendo revolucionários prestam ótimo serviço à reação. São os revolucionários "rabanetes", vermelhos por fora e brancos por dentro. Indivíduos que dizem querer a emancipação da espécie humana, porém no íntimo possuem um Napoleão sempre pronto a esmagar toda tentativa bem-intencionada, para romper o dique de retenção que os defensores da exploração do homem pelo homem procuram construir para conter a sempre crescente ansiedade de superação e liberdade. Existem também os beócios ou mal-intencionados que, possuindo a possibilidade de imprimir em letras de imprensa suas baboseiras, destilam veneno; fazem incursões no campo das idéias de superação humana; vestindo-se com peles de cordeiro representam o mesmo papel que o lôbo da fábula: devoram com gula insaciável e sem a menor consideração pela dignidade alheia todas as esperanças de um mundo mais justo e mais humano.

Essas considerações vêm a propósito do que escreve no "Jornal de Debates" n.º 90 de 12-3-48 o senhor Mattos Pimenta, sob o título **Tópicos da Semana.**

Sim, porque só um beócio ou um mal-intencionado pode afirmar que "Peron acaba de alcançar expressiva vitória, porque entre os interesses nacionais e os interesses da burguesia, êle preferiu aquêle; entre os capitalistas e os trabalhadores, êle preferiu estes". Hitler também senhor Mattos Pimenta preferiu os interêsses "nacionais", e quem ousaria desejar um Hitler para o Brasil? Quanto à preferência entre capitalistas e trabalhadores, publicamos a seguir um tópico sugestivo.

Prosseguindo o senhor Mattos Pimenta diz entre outras cousas — "por isso saiu vitorioso em eleições "livres e limpas", na Argentina entretanto há liberdade política para todos os partidos inclusive o comunista. — Ah! se o General Dutra ao menos imitasse a Peron!"

Passamos agora a palavra ao editorialista de La Protesta de Buenos Aires, 5-3-48. — "Precisamente nós os anarquistas, antipolíticos e antiparlamentaristas por princípios, que não aspiramos à conquista de nenhuma bancada que combatemos a política em todas as suas formas e aspectos, por ver nela o mais cruel dos enganos, denunciamos todo êsse palavriado ôco e insôsso, todas essas promessas de garantias lançadas aos quatro ventos, pois resulta que ditas garantias não são mais que um "bluff", pelo contrário, a fraude mais ou menos dissimulada é sempre praticada.

Sem remontar-nos aos muitos antecedentes históricos, abundam na atualidade materiais de juízo para demonstrar de uma maneira irrefutável nossas afirmações, confirmadas plenamente pelo abismo insondável que separa as declarações do govêrno para enganar a boa fé do povo cândido e crédulo e a crua realidade que atestam os precedimentos usados, não sòmente no que concerne às garantias aos partidos políticos, que disputam o poder, senão no mais elementar direito e negação de todo princípio de liberdade no terreno dos fatos. Com efeito,

pretende-se que no país se goza de toda classe de direitos e liberdades, a saber — liberdade de imprensa, de palavra e de associação. Mas na prática está submetida a tantas medidas restritivas que o seu exercício fica pouco menos que nulo e impraticável. Existem tantos precedimentos extorcivos que não transcedem ao público, que impossibilitam a livre expressão do pensamento escrito e falado, e toda ação de crítica e oposição ao govêrno não rege abertamente uma proibição à liberdade de imprensa. Porém pesam todas as classes de ameaças aos jornais que publicam material de leitura não simpático ao govêrno. Outro tanto acontece com as estações de rádio. Todos aparentemente podem usar êsse valioso elemento de publicidade, porém estas foram ameaçadas com sérias represálias se cedessem seus microfones à oposição. Sabe-se que vários atos públicos organizados por setores que não respondem ao govêrno foram proibidos, pretestando que os locais onde deveriam realizar-se não reuniam as condições exigidas pelas "ordenanças municipais", um recurso usado na atualidade inclusive contra a imprensa opositora. Poderíamos continuar a enumerar muitíssimos casos para demonstrar como a arbitrariedade se une ao escárneo, à burla e à hipocrisia. Procedimentos esses que põem em relêvo a fisionomia inconfundível da reação que pesa atualmente sôbre o país.

Quando estas palavras chegarem aos nossos leitores a farsa eleitoral já haverá sido realizada e o ato consumado sem a odiada "fraude", pois não haverá sido necessário; a máquina eleitoral montada funcionará perfeitamente, os atuais governantes poderão jatar-se de realizarem eleições limpas, pois compreenderam que criando as condições propícias, a "priori", cuidando de todos os detalhes para que a máquina funcione, o resto virá por si.

Sim, senhor Mattos Pimenta. A "fraude" não é sòmente a troca de urnas nem fazer um cadáver votar. Essa é uma fórmula primitiva que já não consegue enganar ninguém. Hoje se monta a máquina eleitoral e até um Dutra qualquer pode ganhar "limpamente" qualquer eleição. Monopolizam-se as estações de rádio, controla-se a imprensa, e para os jornais que não se submetem, inventou-se a forma elegante de não permitir sua impressão porque os locais não possuem as condições higiênicas que garantam a saúde dos trabalhadores. Mas o senhor Mattos Pimenta, o único que vê como "auxiliar" da "linha justa" é que o partido de Stalin tem as portas abertas. Aconselhamos o senhor Mattos Pimenta a ler a 4.ª página do n.º 45 de Ação Direta, e saberá porque Peron ainda não fechou o partido das traições. Duas palavras mais e terminaremos. Não as escrevemos para Mattos Pimenta, e sim para os que possuindo um passado e um presente inalterável, como Osório Borba e outros prestigiam com sua firma e seus artigos um jornal que faz consciente ou inconscientemente propaganda fascista, pois desejar para o Brasil um Peron ou uma imitação é defender os que sustêm o tirano do povo espanhol. Com razão alguém batizou o jornal do senhor Mattos Pimenta de Jornal dos Desastres.

RETIFICAÇÕES

No número anterior, artigo — Jovens até à Morte, saiu a palavra — amamentando em vez de — anulando. reproduzimos o trecho, com a correção.

José Oiticica, militante das velhas organizações proletárias, jornalista vibrante e combativo, diretor de "Ação Direta" na sua primeira fase e, até há pouco, na atual, diretor de Spartacus, órgão também anarquista, encarcerado várias vêzes, outras impedido de trabalhar, por lhe negarem trabalho, professor do Colégio de Pedro II, lugar que conquistou em memorável concurso, um dos mais brilhantes de quantos ali se realizaram, e em que, anulando, insofismavelmente, os concorrentes, anulou a influência de bancadas políticas e a não menos nefasta, do clero.

Em figuras do Anarquismo houve ligeiro empastelamento. Retificamos abaixo:

Proudhon que, com Saint Simon e Fourrier, é uma das figuras mais originais da história do socialismo francês, e que, com Considerant, foi o verdadeiro mestre do confuso e deturpador Carlos Marx, sofreu as maiores calúnias possíveis, não só por parte dos burgueses e do clero, como ainda e principalmente, por parte dos representantes do chamado "Socialismo Científico". A sua vida material foi um desenrolar contínuo de privações, mas a sua vida espiritual, um projetor de intensa luz, no emaranchado tenebroso das instituïções burguesas que, ao surgirem, já surgiram condenadas a desaparecerem.

PIQUENIQUE

Dia 1.º de Maio. Encontro: Jardim do Alto da Boa Vista, entre 9 horas e 9,30. Conferência: prof. José Oiticica. Estão convidados, companheiros e família, leitores e amigos.

A LIBERDADE QUE MATTOS PIMENTA DESEJA PARA O BRASIL

Todos sabem que La Vanguardia não pode sair com regularidade; todos sabem também que não foi proibida senão simplesmente advertida de que suas oficinas estavam em más condições... porque dificultava o tráfego ao baixar as bobinas em frente à sua tipografia... e outras cousas raras que só existem na imaginação desses famosos "inspetores municipais" de quem depende agora a liberdade de imprensa. Mas quando apareceu o boletim de La Vanguardia, como os encarregados de "velar pela saúde" dos obreiros gráficos ignoravam em que tipografia se imprimira o mencionado boletim procederam à detenção dos vendedores e dos compradores. Um caso concreto ocorreu na jurisdição da décima seção onde um comprador foi parar no xadrez por adquirir o jornal socialista.

(La Protesta, Buenos Aires - 5-3-48).

PERON ESTÁ CONTRA OS CAPITALISTAS E A FAVOR DAS MASSAS, DIZ MATTOS PIMENTA

Publicações especializadas que reproduzem anualmente as memórias e balanços das empresas fabris, agro-pecuárias e comerciais, comentam os resultados obtidos por 3.500 sociedades anônimas. Só a empresa Companhia Fabril Financeira cujo capital era em 1940 de 24 milhões de pesos aumentou o mesmo em 1947 para 79 milhões 990 mil, seus lucros que foram de 2.874.000 ascenderam em 1946 a 28.990.200 pesos, êsse consórcio capitalista nas mãos de fascistas italianos possui as oficinas gráficas da Fabril Financeira e controla as seguintes empresas: Selulosa Argentina, lucro - 20.004.000; Papelaria Argentina, ... 10.224.040; Companhia Geral de Fósforos Sul-americana, 1.784.532; Banco da Italia e do Rio da Prata, 4.459.551; Papeleira do Norte, 6.631.535; A. União Gremial, Seguros - 1.032.879; Eletrolor, do Grupo Duperial, 1.550.963. Extenso seria aumentar todas as 3.500 sociedades cujos lucros ascenderam a 100 milhões de pesos. Entretanto o povo trabalhador vive esta realidade. No órgão da C.G.T. número 588, 16-12-46, lemos êste título: Oh! Leitor, a alface, manjar de príncipe. Os comentários sobram.

(La Protesta, 5-3-48).

PALAVRAS DE NENO VASCO

Não há poder que renuncie, não há classe previlegiada que abdique, não há organismo que se suicide, ou mesmo que se deixe matar sem resistência — a não ser que esteja moribundo.

———:o:———

A anarquia é o vaso que pode conter e garantir a igualdade de condições econômicas.

———:o:———

Repisemos: uma revolução, o seu fruto, é uma resultante de opiniões e de vontades, por conseguinte, quanto mais profunda estiver a idea libertaria, menos "governo" sairá da revolução; quanto mais decidida e nítida for a nossa ação, menos força restará à autoridade.

———:o:———

O estado de espírito proveniente de concorrência tem duas faces: o desejo de trepar, o arrivismo; e o servilismo. O homem faz-se servil e baixo com os que tem o poder, dado sôbre tudo pela riqueza, e orgulhoso e prepotente com o que está abaixo dele na escala social.

———:o:———

Cumpre à consciência nova organizar uma sociedade em que não haja lucro nem herança, em que os trabalhadores não deixem os meios e a melhor parte da sua produção nas mãos dos capitalistas, em que os meios de produzir, de ser livres, pertençam a todos, em que todos cooperem para o bem estar de todos.

UMA LÁGRIMA E UM GRITO DE REVOLTA

Minha filha morreu!...

Por MANOEL PERES

Terezinha morreu!... Fechou os olhos para o mundo na noite trágica do dia 23 de Fevereiro, e morreu como ela tanto desejara nos últimos dias do seu doloroso calvário, abraçada contra o meu peito, com o rostinho meigo e carinhoso bem pertinho do meu coração!...

Quis ter nos últimos momentos de vida o consôlo de ver ao seu lado o que fora durante a sua existência, não apenas o pai, como também o amigo, o companheiro de idéias e de sofrimentos.

Com a sua morte perdi uma filha querida, uma amiga boa e dedicada, que sentindo como eu as injustiças do mundo, ajudava-me a lutar pela conquista de uma existência mais livre e feliz.

Não pretendo com esta crônica glorificar a memória da filhinha querida, pois penso com relação aos mortos o mesmo que pensava o grande mártir do Livre-pensamento, Francisco Ferrer Guardia, que momentos antes de ser fusilado no fatídico castelo de Montjuich escrevia aos amigos e discípulos estas palavras sublimes.

— **"Não Choreis a minha morte, não empregueis em glorificar os que morrem, um tempo que necessitais para orientar e educar os que vivem."** —

Se a morte de uma filha é dolorosa para um pai de sentimentos elevados, maior é esta dor quando ela estava unida à nossa existência, não só pelos laços familiares como também pela compenetração ideológica e pelas mesmas idéias de redenção humana!...

O meu maior orgulho, ao chegar aos 60 anos de idade, é ter conquistado o meu lar para a nobre causa que defendo desde a mocidade, que é a da liberdade e da justiça, para chegar a instauração de um sistema social que assegure a todos os sêres humanos uma existência plena de amor, de paz e de felicidade!...

Pensei sempre, e hoje mais que nunca, que o homem de idéias, o que propaga por tôda a parte as suas doutrinas, não pode ter duas condutas distintas, uma na vida pública, e outra na vida privada, já que o exemplo e a bondade dos nossos atos na intimidade do lar repercutem poderosamente na propaganda pública das nossas idéias.

Se queremos conquistar um mundo melhor, levando a bondade dos nossos postulados a todos os corações que tem sonhos de amor e de liberdade, não podemos esquecer que o nosso lar é uma parcela deste mesmo mundo, e que nêle devemos iniciar a nossa propaganda, fazendo de cada filho um idealista, um amigo e um companheiro de lutas, de alegrias e de sofrimentos, porque também no sofrimento comum existe algo de felicidade...

Na minha peregrinação pela Espanha, Portugal, França e Bélgica, onde quer que eu fôsse, perseguido, ou cumprindo com os meus deveres de propagandista levei sempre ao meu lado a boa companheira, e com ela as três filhinhas, Aurora, Carmen e Terezinha.

E nesta luta através do mundo, uns dias alegres e outros amargos e cheios de dores, temperamos as nossas almas, unindo mais e mais os nossos corações, para formar um bloco de granito, uma pequena organização, tão forte e tão potente que só a morte poderia destruir!... E a morte levou um pedacinho dêste lar querido... **A minha Terezinha...**

Recordo, que em Junho de 1940, quando eu era prisioneiro do fatídico Franco na tétrica Bastilha de Servilha, a companheira e as filhinhas, embora passando privações, com um rasgo solidário e generoso, levavam à prisão o pequeno pão negro que recebiam, já que aos presos não era fornecido este alimento.

Um domingo, à hora da visita, ví através das grades a minha Terezinha. Era então muito gordinha, muito meiga e muito bonita nos seus 12 anos. Pensando que talvez não tivesse comido pão êsse dia para enviá-lo à prisão, não pude evitar que as lágrimas acudissem aos meus olhos.

Ela então, ao ver as minhas lágrimas exclamou com gesto enérgico. — **Papai, não quero que chores, porque os nossos inimigos, os que nos perseguem ficariam contentes e te chamariam covarde...** — E dizendo isto ela chorava também...

Era assim a minha Terezinha...

Na tarde do dia 24 de Fevereiro, sob uma chuva torrencial, num cantinho modesto do Cemiterio do Cajú, a minha Terezinha baixou à sepultura, num caixãozinho branco, todo coberto de flôres, tão lindas e tão puras como a sua alma de idealista.

Ao beijar, por vez última, o seu rostinho meigo e formoso, numa despedida final, brotaram, dos meus olhos lágrimas ardentes de saudade, e do meu peito partiu um grito de ódio e de revolta contra todos os tiranos do mundo, contra os que mataram a minha Terezinha e matam cada dia milhares de sêres humanos.

O dia da Justiça Chegará!...

LEITURA QUE ACONSELHAMOS

EM PORTUGUÊS

Roberto das Neves — "Curso Completo (Elementar, Médio e Superior) de Esperanto" — Cr$ 50,00.
P. Kropotkine — "Em volta de uma vida" (autobiografia) — Cr$ 40,00.
Rodolfo Rocker — "Idéias absolutistas no socialismo" — Cr$ 18,00.
José Oiticica — "O Anarquismo ao alcance de todos" — Cr$ 12,00.
Tomaz da Fonseca — "Sermões da Montanha" — Cr$ 40,00.
Separata dos "Sermões da Montanha" com 30 gravuras — Cr$ 5,00.

EM CASTELHANO

Pompeyo Gener — "El Intelecto Helénico", História da Cultura Grega — Cr$ 24,00.
Franck Harris — "LA BOMBA" (A mais completa obra da **Tragedia de Chicago** que deu origem ao Primeiro de Maio — **Livro de 300 páginas — Cr$ 24,00.**
Felipe Alaiz — "El Aparecido" — Cr$ 4,00.
Petro Gori — Ensaios e Conferencias Cr$ 25,00.

"Calendário de S.I.A." — Cr$ 11,00.
"UNIVERSO" (Revista de Sociologia, ciência e arte, em três idiomas, espanhol, francês e italiano) — **Cr$ 7,00.**

———:o:———

Todas estas publicações se encontram à venda na nossa Redação. Juntar mais 10% para despesas de correio.

A LAGOSTA

Imaginai, por um momento, esta hipótese: uma bela manhã desapareciam todos os trabalhadores dos campos, e não havia quem cultivasse a terra. Que sucederia? Morreriamos todos de fome. Pois o mesmo se daria com as outras profissões: se desaparecessem os sapateiros, não havia quem fizesse os sapatos; se desaparecessem os pedreiros, os carpinteiros, etc., não havia quem construisse as casas; e se desaparecessem os padeiros quem manipularia o pão? E assim sucessivamente. Mas, que prejuizo teriamos se desaparecessem os nossos amos — os burgueses, os capitalistas, os industriais, etc.? Tinhamos tanto prejuizo como o que teriamos se, dos mares, desaparecesse a lagosta...

ERRICO MALATESTA

JÁ VISTE?

... que a tua ajuda por pequena que seja, é uma grande ajuda? Não deixes de mandar pouco, porque gostarias de mandar muito. O pouco de muitos, é muito.

Auxilia Ação Direta!...

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis